

# ***A TV como espaço pedagógico: o que os jovens do MST aprendem na telinha***

**Sara Alves Feitosa**

Bacharel em Comunicação Social

sarafe99@hotmail.com

UNISINOS, RS

---

## **Resumo**

O trabalho integra a dissertação de mestrado *televisão e juventude Sem Terra: subjetividades e produção de sentidos entre jovens do Assentamento Capela*. Analiso a produção de sentidos e a formação de subjetividades desencadeados por discursos de telenovelas entre jovens de um assentamento do MST. Apresentarei as aprendizagens dos jovens a partir da recepção de produtos televisivos. É uma investigação qualitativa, foram entrevistados 20 jovens de 13 a 23 anos, moradores do Assentamento Capela, em Nova Santa Rita/RS/Brasil, e observação na escola, trabalho, lazer e família.

"(...) a televisão me deixou burro, muito burro demais (...)"<sup>1</sup>, a frase da música "televisão", do grupo Titãs, que embalou a juventude brasileira na década de 80, representa bem um pensamento ainda corrente, no senso comum e em parte da academia sobre o eletrodoméstico que está presente em mais de 50 milhões de lares do país. Uma das preocupações de pais, educadores e em certa medida de comunicadores é de que nossas crianças assistem televisão demais, que só aprendem coisas ruins, que a TV instiga a violência e tantos outros argumentos que superdimensionam os malefícios da televisão na formação de novas gerações. Neste artigo pretendo refletir como programas da televisão aberta brasileira, produzidos com a finalidade de entreter, disseminam e ensinam modos de ser e estar na contemporaneidade.

As questões aqui levantadas são parte de uma investigação maior<sup>2</sup>, que procura analisar a produção de sentidos e processos de formação de subjetividades desencadeados por discursos presentes em telenovelas entre jovens de um assentamento do Movimento Sem Terra (MST). Pergunto de que maneira esses sujeitos cujo cotidiano politizado, permeado pelo discurso do MST que é crítico à mídia, negociam com os discursos midiáticos, especificamente da televisão? Priorizarei neste artigo o aspecto das aprendizagens feitas por esses jovens a partir do processo de assistência/recepção de produtos televisivos. Antes, problematizo o termo juventude, a centralidade da televisão na cultura brasileira e como a TV se faz pedagógica em nosso tempo.

---

<sup>1</sup> Televisão, letra de Arnaldo Antunes. Titãs, 1988.

<sup>2</sup> Falo da dissertação de mestrado em educação: *televisão e juventude Sem Terra: subjetividades e produção de sentidos entre jovens do Assentamento Capela*.

A pesquisa realizada junto a 20 jovens<sup>3</sup>, entre 13<sup>4</sup> e 23 anos, moradores do Assentamento Capela, no município de Nova Santa Rita, região metropolitana de Porto Alegre/RS/Brasil, trata-se de investigação qualitativa, cuja a metodologia utiliza-se de entrevistas em profundidade e observação em espaços que compõem o cotidiano destes sujeitos, como o lazer – incluído aí a recepção televisiva –, a escola, o trabalho e a família.

## A juventude como público preferencial da mídia

Já se disse que juventude é apenas uma palavra (Bourdieu, 1983)<sup>5</sup>. Ou, ao contrário, é mais que uma palavra (Margulis, 1998)<sup>6</sup>. Nos últimos anos, tem crescido o interesse investigativo por essa faixa da população que, para alguns, não passa de um ciclo, uma transição para a vida adulta, mas que toma novas conformações em nossa sociedade. Juventude é uma daquelas palavras que suscita uma variedade de sensações que oscilam entre as reclamações costumeiras como “estes jovens de hoje não querem nada”, ou esperanças entusiastas que depositam nela um papel protagonista de mudanças vindouras. Se, na década de 1920, o Brasil era uma paisagem de velhos, como relata Nelson Rodrigues<sup>7</sup> em uma crônica sobre sua infância na Rua Alegre, a paisagem do País nos primeiros anos do século XXI é bem diferente. Se na infância do escritor, homens e mulheres eram mais valorizados ao ingressar na fase produtiva e reprodutiva, e sonhavam com o momento em que finalmente fossem admitidos no mundo dos adultos, hoje todos indiscutivelmente desejam ser jovens.

Os jovens têm sido tema de alta exposição na mídia, especialmente na televisão e na publicidade. Podemos rapidamente enumerar uma dezena de programas da TV brasileira, cujo alvo preferencial são os jovens. Talvez a estrela maior desta constelação de produtos midiáticos direcionados à juventude seja a novela vespertina *Malhação*<sup>8</sup>, mas a lista é grande: *Patrola*<sup>9</sup>, *Caldeirão do Huck*<sup>10</sup>, *Rebelde*<sup>11</sup>, toda a grade de

---

<sup>3</sup> O número de entrevistados foi composto seguindo os critérios de idade, morar no assentamento e ser filho de assentados, além da concordância em participar do *corpus* desta investigação.

<sup>4</sup> Entre os jovens observados na investigação, estes, a partir de 12 anos, já se consideram adolescentes/jovens contrariando o parâmetro utilizado por organismos internacionais como o Unicef, que definem como jovem a faixa etária de 15 a 24 anos. Nota-se que a composição ou definição a partir de que idade se é jovem em nossa sociedade tem um apelo comercial. A publicidade “vende” a idéia que a partir de 10 anos já somos pré-adolescentes e que com 12 anos o menino e a menina passam a ser adolescentes, portanto, jovens. É importante contudo, esclarecer que tanto no plano nacional e internacional não há um consenso, entre os diversos atores, a respeito do período de tempo que um indivíduo seja considerado jovem. A legislação brasileira, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), assume como adolescente a pessoa que tem entre 12 e 18 anos incompletos. Para o Fundo de Populações das Nações Unidas (UNPEA), a juventude é composta por cidadãos entre 15 e 24 anos de idade. Um critério mais expandido – o de “população jovem” – é aplicado à faixa dos 10 aos 24 anos.

<sup>5</sup> Em uma entrevista, intitulada *Juventude é apenas uma palavra*, Pierre Bourdieu critica a representação da juventude como correspondendo a um segmento etário homogêneo, marcado por um mesmo limiar de idade biológica. Na prática, acusou Bourdieu, a juventude não existe. O que existe são os jovens. E com isso pretendia contribuir para uma percepção da heterogeneidade que caracteriza a população juvenil.

<sup>6</sup> No artigo *La juventud es más que una palabra* (1997), Mario Margulis e Marcelo Urresti, inspirados na provocação de Bourdieu (1983) são enfáticos ao afirmar: a juventude é um signo, porém não é somente um signo. Segundo os autores, a concepção de Bourdieu privilegia a dimensão simbólica, que é importante para toda categoria social, mas que há outras dimensões a serem analisadas, quando o assunto é juventude ou culturas juvenis.

<sup>7</sup> RODRIGUES, Nelson. Só os idiotas respeitam Shakespeare, In: *O óbvio ululante*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 158.

<sup>8</sup> *Malhação*, novela exibida há dez anos, de segunda a sexta, das 17:30 às 18:00, na Rede Globo. Tem como tema central o cotidiano juvenil numa academia de ginástica (no início), ou no ambiente familiar, de lazer e numa escola, como atualmente..

<sup>9</sup> Programa produzido pela RBSTV do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Exibido aos sábados na rede regional e para todo Brasil pelo canal a cabo *Multishow*.

<sup>10</sup> Programa de auditório, exibido aos sábados à tarde, na Rede Globo. Apresenta gincanas, *reality shows* como “Acorrentados”, intimidades de celebridades e atrações musicais.

programação da MTV, enfim, há uma variedade de formatos e estilos com objetivo de atingir a diversidade do público.

Juventude, embora esteja na moda, é difícil de definir. Há diferentes ângulos de abordagem do tema, os recortes são diversos, sendo comum na bibliografia muitos autores optarem por falar de juventudes, especialmente se tomarmos um recorte de classe social. A juventude é vivida como um processo definido a partir de uma inegável singularidade: "é a fase da vida em que se inicia a busca dessa autonomia, marcada tanto pela construção de elementos da identidade – pessoal e coletiva – como por uma atitude de experimentação"(GALLAND, 1996; SINALY, 2000, apud SPOSITO, 2005, p. 89).

A idéia de condição juvenil remete, em primeiro plano, a uma etapa do ciclo de vida, de ligação ou de transição como diz a noção clássica, entre a infância, época de dependência e necessidade de proteção, para a idade adulta, o ápice do desenvolvimento, que, em nossa sociedade, está relacionado a tornar-se capaz de exercer atividades produtivas, de reprodução e de participação social. Inúmeros autores (Abramo, 2005; Margulis, 1998; Ribeiro, 2004, dentre outros) alertam que os conteúdos, a duração e a significação social dos atributos das fases da vida são, cultural e historicamente, constituídos, e que a juventude nem sempre apareceu como etapa singularmente demarcada.

A noção de juventude vigente no pensamento sociológico contemporâneo tem sua origem, na sociedade moderna ocidental, da experiência dos jovens burgueses, que se impôs como padrão do que é ser jovem, em detrimento de outros modos de ser jovem, vivenciados em épocas anteriores<sup>12</sup>. A condição juvenil como a entendemos atualmente tem forte relação com a instituição da escola, como relata Schindler (1996, p. 269), citando Philippe Áries: "na sociedade dos séculos XVI e XVII ainda não se traçava uma demarcação nítida entre infância e juventude e ainda não se tinha uma noção precisa daquilo que chamamos adolescência". O autor afirma que, somente com a obrigatoriedade da frequência à escola, no início do século XIX, passou-se a adotar o corte dos catorze anos, que estabelece uma clara demarcação entre infância e juventude, no momento da conclusão dos estudos, início da aprendizagem e ingresso no mundo do trabalho. A condição juvenil passa, então, a estar relacionada à possibilidade de o jovem burguês livrar-se, mesmo que temporariamente, das obrigações do trabalho, por um lado, para retardar a inserção no mundo produtivo e, por outro, para dedicar-se ao estudo numa instituição escolar, como explica Abramo (2005, p. 41). Essa segunda etapa de socialização produz um deslocamento entre as capacidades físicas de produção, reprodução, maturidade emocional e social para a sua realização. A noção moderna de juventude acabou aparecendo como um período de transição, de ambigüidade, de tensão potencial, de moratória<sup>13</sup>.

Esse período de moratória, é bom que se lembre, é uma experiência restrita aos filhos de classes altas e médias. Nas camadas mais pobres, não era incomum, como relata Schindler (1996, p. 271), que crianças de

---

<sup>11</sup> Novela mexicana exibida pelo SBT, às 19h30, de segunda a sábado. A trama se passa na Elite Way School, um colégio particular de prestígio internacional, onde adolescentes de classe alta estudam em regime de internato.

<sup>12</sup> Ver coletânea *História dos Jovens*, organizado por Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt, Companhia das Letras, 1996, especialmente os artigos: *Ser jovem na Aldeia*, de Daniel Fabre, V. 2, p.49-81; *A imagem dos jovens na cidade grega*, Alain Schnapp, V.1, p.19-57; *Os tutores da desordem*: rituais da cultura juvenil nos primórdios da Era Moderna, Norbert Schindler, V. 1, p. 265- 324.

<sup>13</sup> Termo cunhado por Erikson (1986), entendido como esse adiamento dos deveres e direitos dos indivíduos que deixaram de ser crianças mas ainda não estão plenamente inseridos na produção (trabalho), reprodução (ter a própria família) e participação política. A moratória seria um tempo para a dedicação exclusiva à formação para o exercício futuro dessas dimensões da cidadania.

dez ou doze anos trabalhassem. Os filhos dos camponeses e dos artesãos, desde cedo, eram iniciados no trabalho dos pais, assumindo tarefas de responsabilidade cada vez maiores. A constatação desse quadro diverso consolidou uma certa tensão entre vertentes do pensamento. Por um lado, análises que privilegiam a posição na estrutura socioeconômica e que afirmam ser a noção juvenil destituída de significação social. Por outro, as que focam o plano simbólico, com a idéia de uma condição juvenil referida a uma fase da vida, podendo chegar, no limite, a considerar a juventude como mero signo, uma construção cultural relativamente desvinculada das condições materiais e históricas.

Segundo Sposito (2003), tal tensão pode ser pensada, pela distinção entre **condição** e **situação** juvenil. A autora, no livro *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*, explica que a **condição** refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo de vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma dimensão histórico geracional. Já **situação** revela o modo como tal condição é vivida nos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. Margulis (1998, p. 17) lembra que, embora a juventude, como categoria socialmente constituída, possua uma dimensão simbólica, tem que ser analisada em outras dimensões, ou seja, “aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nas quais toda produção social se desenvolve”.

No século XX, principalmente após a II Grande Guerra, como aponta Morin (1986), no rastro de mudanças socioeconômicas, no mundo do trabalho e no campo dos direitos, com a coibição do trabalho infantil, a extensão da escolarização e da cultura, constituindo a juventude como um valor, uma imagem valorizada, a condição juvenil teve sua significação ampliada. É certo que, desde a Revolução Francesa, como anuncia Ribeiro (2004), ser moço passa a ser algo positivo. Entretanto, é no pós-guerra que ser jovem confere um certo prestígio ao sujeito. É também desse movimento de ampliação do sentido dado à condição juvenil que os filhos das classes populares passam a figurar como atores integrantes da juventude. Como explica Abramo (2005, p. 43):

(...) a experiência dos jovens burgueses, que imprimiu o conteúdo da noção moderna de juventude, funciona até hoje como padrão ideal em torno do qual têm sido avaliadas as possibilidades de outros setores sociais de aceder a esta condição, de ‘viver a juventude’, como se diz, e também a partir do qual se medem as abreviações, extensões e interrupções da etapa, assim como os desvios e negações de seu conteúdo.

Vários acontecimentos contribuem para uma ampliação do sentido dado à juventude, especialmente na segunda metade do século XX, dentre eles, mudança ou alargamento do período da vida identificado como juventude, dos poucos anos do início da industrialização, passando a durar dez, 15, ou como se aceita em alguns setores atualmente, 20 anos<sup>14</sup>. A inclusão no sistema escolar e no universo simbólico de setores populares provocou uma abrangência do fenômeno para vários setores sociais, constituindo-a não apenas como uma experiência dos filhos da burguesia. Abramo (2005, p. 43) conclui que o desfecho desses acontecimentos é que a “vivência da experiência juvenil passou a adquirir sentido em si mesma e não mais somente como preparação para a vida adulta”. Essa ampliação de significado da noção juvenil justifica que

---

<sup>14</sup> Ver o texto FUREDI, Frank. *Não quero ser grande*. Caderno Mais, *Folha de S. Paulo*, 25 de julho de 2004. disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2507200404.htm>.

se fale de juventudes, no plural, como forma de expressar a heterogeneidade, as desigualdades e as diferenças que atravessam esta condição, como sinaliza Abramo (2005).

Aqui, tratamos da juventude Sem Terra<sup>15</sup>. Esse empreendimento exige incursões no âmbito da escola e da família, como também nas relações que os jovens tecem com o mundo do trabalho. A escola, cuja orientação pedagógica é do MST, dissemina o discurso do Movimento; a família estabelece, pela história de vida e de militância, uma “pré-identidade” para estes jovens, ou seja, jovens Sem Terra, colonos ou filhos de colonos sem-terra; o trabalho está desde cedo presente em suas vidas. No Assentamento Capela, os filhos de assentados sócios da Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Santa Rita (COOPAN) têm a possibilidade, a partir dos 10 anos, de integrarem algum setor de produção. As atividades desenvolvem-se em horário inverso ao da frequência escolar. Nas entrevistas realizadas para esta investigação, ficou claro, pelos relatos, que os jovens optam por trabalhar como forma de garantir alguma remuneração, para garantir o consumo independente dos pais.

Para abordar o tema da juventude, ou sua noção na primeira década do século XXI, no Brasil, é necessária uma atenção especial para o entrelaçamento da cultura juvenil e a crescente centralidade da mídia, especialmente a televisão, em nosso País. Torna-se repetitivo, embora necessário, afirmar que o contexto no qual se processa a construção discursiva e social da juventude inclui a escola, a família, mas vai além, incluindo aí ingredientes da cultura de massa: como a mídia, especificamente a televisão, a cultura musical (*rock, funck, hip-hop, rap, pagode, sertanejo, etc.*). É nesse entrelaçamento de espaços de socialização que procuro analisar o cotidiano destes sujeitos, tendo como objetivo compreender como os discursos e práticas da televisão reverberam nos jovens Sem Terra. Em suma, o que aprendem os jovens do MST com o consumo cultural midiático?

## O Brasil se vê pela TV

Embora seja fato que há no país uma preocupação com o que a TV pode mostrar e ensinar, também é crível que em grande dose a brasilidade se constitui e se constituiu a partir da televisão, como afirma Eugênio Bucci (2004, p. 31) “às vezes tenho a sensação de que, se tirássemos a TV de dentro do Brasil, o Brasil desapareceria”. O sentimento de desconfiança e, diria, até um certo desprezo em relação ao meio tem sua justificativa na história e de como a televisão brasileira, especialmente a Rede Globo, se firmou como veículo de comunicação de massa e, como serviu aos interesses de estabelecimento e manutenção da ditadura militar no país<sup>16</sup>. Mas, o que importa aqui é observar que a televisão no Brasil constitui-se num paradoxo, na medida que se constitui como uma esfera pública expandida (Bucci, 2004) e que para existir, estar na cena social e política do país é necessário “aparecer” na TV. Mesmo para fatias da sociedade, como os Sem Terra – que estão à margem desta esfera pública ou que “aparecem” em enquadramentos que sobressalta a violência, a ilegitimidade, a ilegalidade e a ineficácia econômica, como apontam Aldé & Lattman-Weltman

---

<sup>15</sup> Grafar Sem Terra e não sem-terra tem o objetivo de distinção entre os participantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra a outras pessoas do meio rural que não possuem terra, mas não estão organizados no MST. Referir-se a Sem Terra, Sem Terrinha, está relacionado a um aspecto simbólico e de identidade social e não ao fato de ter ou não terra, até porque os sujeitos da investigação em curso já possuem terra.

<sup>16</sup> Para ter um panorama maior deste processo ver os textos: KEHL, Maria Rita. Eu vi um Brasil na TV. In: COSTA, Alcir H.; SIMÕES, Inimá e KEHL, Maria Rita. *Um País no ar*. (São Paulo: Brasiliense, 1986); BUCCI, Eugênio. Ainda sob o signo da Globo. In: BUCCI, Eugênio & KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 221- 240.

(1998, p. 17) – é importante as luzes da mídia como estatuto de existência. Esse aspecto fica evidente no comentário de João Pedro Stédile sobre a novela *Rei do Gado*<sup>17</sup> e a importância do tema tomar a cena na telenovela:

“Politicamente, para nós, a novela foi muito importante. Ela contribuiu para a reforma agrária de uma maneira positiva. Pela primeira vez, colocou a questão em horário nobre para milhões de brasileiros. (...) não chegaríamos a essa faixa se não fosse por intermédio da novela”<sup>18</sup>.

É nesse contexto, um tanto complexo que os filhos de assentados e militantes do MST se fazem sujeito. Refiro-me aqui ao conceito de sujeito em Michel Foucault (2004, p. 291), ou seja, “o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, de práticas de liberação, de liberdade (...) a partir de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural”. No texto *O sujeito e o poder* (1995a, p. 235), o filósofo francês diz que há dois significados para a palavra sujeito: “sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou um autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a”. Como aponta Rosa Fischer (1996, p. 71) “Foucault usa sujeito no estrito sentido etimológico da palavra. Em latim, a palavra é *subiēctus* ou *subjectus*, e denota aquilo ou aquele que é ‘colocado por baixo’, o mesmo que súdito”. Então nos perguntamos sobre que discursos subjetivam e assujeitam os jovens Sem Terra, como se fazem sujeitos em meio à diversidade de discursos e práticas propostos diariamente aos jovens na TV, por exemplo. Dito de outra forma, como esses jovens se fazem sujeitos no processo de negociação dos discursos da TV e do movimento e, mais, o que aprendem a partir da recepção televisiva para as suas vidas?

## **A televisão como lugar pedagógico**

Quero voltar à idéia da música dos *Titãs* e perguntar por que ela, a televisão, é objeto de preocupação de vários segmentos da sociedade, mas especialmente de pais e educadores? Que poder teriam as imagens produzidas por esse meio que povoam nosso cotidiano? Por que um movimento social como o dos Sem Terra se preocupa em orientar sua militância, as crianças e os jovens dos assentamentos sobre o poder da televisão? Como fazem no documento *A vez dos valores*<sup>19</sup> em que relatam a importância das crianças e jovens serem conduzidos a desenvolver e preservar valores como a solidariedade, a preservação do meio ambiente, o companheirismo e que, em contrapartida, se referem aos meios de comunicação, especialmente a televisão como algo com a capacidade de amortecer os indivíduos para os problemas da sociedade, “tornando-os incapazes de enxergar a realidade e de se indignarem”<sup>20</sup>.

A TV seria, nesse modo de ver, um lugar estéril dos valores que o MST considera importantes para a formação de jovens e crianças. Seguindo o que ensina Arlindo Machado (2000, p. 20), para falar de televisão é preciso definir o *corpus*, ou seja, o conjunto de experiências que definem o que estamos justamente chamando de *televisão*. Sendo assim, quero sublinhar que estou preocupada com as múltiplas possibilidades da linguagem audiovisual produzida em nosso tempo, de modo particular os produtos

---

<sup>17</sup> Novela da Rede Globo, de Benedito Ruy Barbosa, exibida em horário nobre, de junho de 1996 a fevereiro de 1997.

<sup>18</sup> Fala de João Pedro Stédile no debate “Maledetto latifúndio”, publicado na revista Teoria & Debate, então editada pelo Diretório Regional de São Paulo do Partido dos Trabalhadores, n. 34. Mar./abr./maio de 1997, p. 33.

<sup>19</sup> Disponível em : <http://www.mst.org.br/setores/cultura.htm>. acessado em 23 de abril de 2005.

<sup>20</sup> Idem.

televisivos produzidos e veiculados pelas grandes redes brasileiras de TV. É importante ressaltar ainda que aqui tenho como foco as aprendizagens possibilitadas pela veiculação destes produtos junto a um grupo muito específico, jovens de assentamento de reforma agrária cuja trajetória é marcada pela politização dos pais e até certo ponto formados a partir de uma crítica da ordem vigente, inclusive a ordem audiovisual.

Inúmeros autores (OROZCO, 1991; MARTÍN-BARBERO, 1999; 1991; 1995; LOPES, 2002; JACKS & ESCOSTEGUY, 2005) do campo dos estudos de recepção já demonstraram que a audiência não é esse ser passivo, nem que os meios tenha todo o poder de ditar regras e comportamentos do público. Como sublinham BUCCI & KEHL (2004, p. 19) A TV não manda ninguém fazer o que faz; antes autoriza, como espelho premonitório, que seja feito o que já é feito. A partir dos estudos de recepção percebe-se que a comunicação é produção e intercâmbio de significados, ou seja, as pessoas interagem com as mensagens de maneira a produzir sentido. Pensando à luz desses autores, atrevo-me a dizer que a TV e todo esse complexo aparato cultural e econômico – de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informação, entretenimento – é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida. Para Rosa Fischer (2003, p. 16) “A TV (...) opera como uma espécie de processador daquilo que ocorre no tecido social, de tal forma que ‘tudo’ deve passar por ela, ‘tudo’ deve ser narrado, mostrado, significado por ela”. Não é o caso de tratar de forma simplista esse complexo processo que inclui a produção e a recepção das mensagens televisivas, de falar da “influência” da mídia, como relação de causa e efeito entre uma imagem mostrada e um comportamento repetido. O que interessa nessa análise é justamente pontuar as singularidades e significados produzidos por esse conjunto de sujeitos. Tenho como pressuposto a idéia de que a TV se faz pedagógica em nosso tempo. Ou, como afirma FISCHER (1999, p. 61) a televisão tem se consolidado não apenas veiculadora mas também como produtora de saberes e formas especializadas de comunicar e de produzir sujeitos, assumindo nesse sentido uma função pedagógica.

Inspirada pelo modo de pensar a relação comunicação e educação de Rosa Fischer (1996; 2000; 1997; 2003), recuso a idéia de que se deva, por exemplo, estudar a televisão e seus produtos como instrumento de manipulação de crianças, jovens, homens e mulheres. “No lugar disso, proponho uma investigação que se aventure a responder a uma série de relações, de ‘comos’” (2002, p. 87), que pergunte sobre as sucessivas transformações no grande tabuleiro social, “em que arranjos de poder e de saber são continuamente feitos e que podem ser ‘apanhados’ justamente nesse lugar específico de enunciação, que é a mídia” (2002, p. 87-88).

E os jovens Sem Terra o que nos dizem sobre a televisão? Que uso fazem dela? A partir das entrevistas realizadas pode-se dizer que os jovens do Assentamento Capela analisados convivem entre os modos de vida rural e urbano e, buscam em programas de TV, *Malhação*, por exemplo, um espaço para construção e reflexão sobre modos de ser jovem. Embora reconheçam grande diferença entre os personagens, as narrativas veiculadas naquela novela e suas vidas, os jovens demonstram interesse pelas tramas e apontam o que aprendem ali. “É uma vida bastante diferente da minha. Eles estudam em escola particular, têm

*dinheiro (...) mas os problemas de jovem todo mundo tem igual*<sup>21</sup>. Quando questionada sobre que problemas seriam esses, Roberta enumera: *"a vida na escola, as brigas com os pais, a vontade de trabalhar e ter o próprio dinheiro ou, até mesmo coisas de namoro, sobre sexualidade, como saber a hora certa de ter a primeira relação sexual"*. A fala de Roberta é exemplar da capacidade da audiência de, independente da condição social e econômica do personagem apresentado numa trama ficcional, trazer significados relevantes para o seu cotidiano. Voltando a dizer, é um processo complexo, a medida que a novela *Malhação* aborda temas de interesse de jovens, como a relação com os pais, a primeira experiência sexual, ela dissemina saberes e questões que tocam o público indiscriminadamente, inclusive uma jovem de um assentamento rural no interior do Rio Grande do Sul a ponto de fazer com ela reflita sobre a *hora certa* da iniciação sexual.

A telenovela em questão tem todo um discurso que parte da seguinte ideia "vamos educar essa moçada". Assim, há uma série de acontecimentos desencadeados nos episódios que abordam desde a iniciação sexual, a escolha certa (com quem?), a hora certa (quando? Com que idade?), o risco de gravidez na adolescência, uso de preservativo, até a clássica divisão "essa é para casar, aquela é para ficar". Estamos diante do que Michel Foucault, na sua *História da Sexualidade*, denominou de "dispositivo"<sup>22</sup> da sexualidade, ou seja, a televisão incita os corpos, nomeia prazeres, produz conhecimento sobre a intimidade dos sujeitos, cria e recria incessantemente esquemas cada vez mais sofisticados de vigilância. É interessante observar o quanto esse meio assimila os princípios mais conservadores e tradicionais do que, durante muito tempo, se entendeu que seria "educar".

Sobre os aprendizados relatados pelos jovens do Assentamento Capela poderíamos enunciar vários outros como o interesse por aprender espanhol despertado pela assistência de um novela mexicana veiculada no SBT<sup>23</sup>. Outros relatos apontam a possibilidade de saber o que está na moda, como se vestir. Esse parece ser um ponto muito importante para vários do grupo de informantes, por ser essa uma forma de ser um igual. Dito de forma mais clara. Em uma entrevista Manoela<sup>24</sup> explica que *"eu vejo na TV como as garotas estão se vestindo, mesmo que eu não consiga comprar uma roupa da mesma marca, eu posso comprar uma parecida"*. Quando perguntei sobre o objetivo de acompanhar a moda e vestir-se parecida com as garotas da televisão Manoela explicou: *"não sei, mas tem uma coisa que... parece que todos sabem que somos colono. Mesmo estando vestido roupas iguais, parece que está escrito na nossa testa que somos colono"*. O consumo, aprendido na TV, nesse caso parece ser uma forma de acesso, de ser aceita como uma igual no meio urbano.

---

<sup>21</sup> Depoimento de uma jovem de 14 anos, para identificá-la neste artigo utilizarei o nome de Roberta. As falas de entrevistas virão em itálico para diferenciar das citações de autores.

<sup>22</sup> Como ferramenta analítica, o conceito de dispositivo é desenvolvido por Foucault em sua obra *História da sexualidade*, especialmente no volume I *A vontade de saber*. Porém é na entrevista "Sobre a história da sexualidade" publicada no livro *Microfísica do Poder* (Foucault, 2000) que o autor explicita o conceito como: *"Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos"* (idem, p.244).

<sup>23</sup> Falo da novela *Rebelde*, exibida de Segunda a Sábado, no horário das 19 h, no SBT. Na trama há uma banda de música denominada RBD, o interesse do entrevistado pelo espanhol é para cantar e tocar as músicas da banda protagonista da trama em encontros e festas com os amigos.

<sup>24</sup> Garota de 17 anos, moradora do Assentamento Capela.

Os exemplos apresentados apenas ilustram o *ethos* pedagógico da televisão. Quero por fim, problematizar o que se apresentam todos os dias em nossas casas quando sentamos em frente à tela e chamar a atenção para o que nos propõem KEHL (1995) no artigo "Imaginário e pensamento", quando recorre a Walter Benjamin para sugerir que pais e educadores (e todos nós) recuperemos a preciosidade da insubstituível e genuína experiência que podemos viver conosco mesmos, com os outros e até com a própria televisão, na medida em que a usemos simultaneamente como matéria de fruição e pensamento. Porque se por um lado a televisão tem uma função objetiva de informar e divertir espectadores, por exemplo, há na mídia uma função explícita e implícita de 'formá-los', e isso em nossos dias não escapa à produção e veiculação de técnicas e procedimentos voltados para a relação dos indivíduos consigo mesmos, matéria-prima de grande parte dos produtos televisivos. Somos incitados a cuidar do corpo, da saúde, da alimentação, a fazer terapias, entre outras coisas que a televisão nos aconselha diuturnamente. Não vejo problema nisso, a questão está em termos a TV apenas como espaço de fruição. É, antes, necessário pensar, refletir sobre o conteúdo assistido. Esse talvez seja o trabalho pedagógico que se possa fazer diante da pedagogia da TV, falar sobre televisão com nossos filhos, nossos alunos, pois estranhamente se assiste televisão para entreter, para ocupar o tempo, mas não se reflete sobre suas mensagens, não se aprende a fazer a crítica da TV. E não quero com isso condenar esse eletrodoméstico à fogueira, apenas a que vejamos a televisão como uma porta para o mundo e que precisamos continuamente a conviver e apreender dela o que ela tem de melhor para nossa formação como sujeitos.

---

## Referências

- ABRAMO, H. W. 2005. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo. In: H. W., ABRAMO; P. P. M., BRANCO (org.), *Retratos da juventude brasileira*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo. P. 37-71.
- ALDÉ, A.; LATTMAN-WELTMAN, F. 1998. *O MST na TV: Sublimação do político, moralismo e crônica cotidiana do nosso "estado de natureza"*. Rio de Janeiro, IUPERJ, p. 28 (Texto digitado).
- BOURDIEU, P. 1983. A juventude é apenas uma palavra. In: P., BOURDIEU. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero.
- BUCCI, E. 2004. Ainda sob o signo da Globo. In: E., BUCCI; KEHL, M. R. *Videologias*. São Paulo, Boitempo. p. 220-240.
- BUCCI, E.; KEHL, M. R. 2004. Introdução. In: *Videologias*. São Paulo, Boitempo.
- FISCHER, R. M. B. 1999. *Foucault e o desejável conhecimento do sujeito*. Educação & Realidade. Porto Alegre, UFRGS/FACED, **24**(1):39-59, jan.-jun.
- \_\_\_\_\_. 1996. *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Porto Alegre, UFRGS. Tese Doutorado em Educação, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

- \_\_\_\_\_. 2003. Foucault revoluciona a pesquisa em educação. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, **21**(2):371-89, jul.-dez.
- \_\_\_\_\_. 1997. *O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise*, Educação & Realidade. Porto Alegre, UFRGS/FACED, **22**(2):59-79, jul.-dez.
- \_\_\_\_\_. 2000. Técnicas de si na TV: a mídia se faz pedagógica. *Revista de Educação*, São Leopoldo, Unisinos, **4**(7):111-39.
- \_\_\_\_\_. 2005. *Mídia e Juventude: experiências do público e do privado na cultura*. Cadernos do CEDES, Campinas, **25**(65):43-58, jan.-abr. 2005.
- FOUCAULT, M. 2001. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal.
- \_\_\_\_\_. 2004a. Uma Estética da Existência. In: *Ditos e Escritos V*. Rio de Janeiro, Forense Universitária. P. 288-93.
- \_\_\_\_\_. 1995a. O sujeito e o poder. In: H. L., DREIFUS; P., RABINOW. *Foucault – Uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, p. 231-49.
- \_\_\_\_\_. 2000. Sobre a História da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal. p. 243-270.
- JACKS, N.; ESCOSTEGUY, A. C. 2005. *Comunicação e recepção*. São Paulo, Hacker Editores.
- KEHL, M. R. 1995. Imaginário e pensamento. In: M. W. de, SOUZA. *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo, Brasiliense. p. 169-179.
- \_\_\_\_\_. 1986. Eu vi um Brasil na TV. In: A. H., COSTA et al. *Um país no ar*. Brasiliense, p. 168-182.
- LOPES, M. I. V. de, et al. 2002. *Vivendo com a telenovela. Mediações, recepção, teleficcionalidade*. São Paulo, Summus Editorial.
- MACHADO, A. 2000. *A TV levada a sério*. São Paulo, SENAC.
- MARGULIS, M.; URRESTI, M. 1998. La juventude es mas que una palabra. In: M., MARGULIS. *La juventud es mas que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud*. Buenos Ayres, Biblos.
- MARTÍN-BARBERO, J. 1999b. Recepción de medios y consumo cultural: travesías. In: G., SUNKEL (coord.), *El consumo cultural en América Latina*. Santafé de Bogotá, Convenio Andrés Bello.
- \_\_\_\_\_. 1991. *Recepción: uso de medios y consumo cultural*. Ver. Dia-logos de la comunicación, (30):, jun. FELAFACS.
- MORIN, E. 1986. *Culturas de massa no século XX*. Rio de Janeiro, Forense.
- OROZCO, G. 1991. *Recepción televisiva. Tres aproximaciones y una razón para su estudio*. Cadernos de comunicación y practicas sociales, (2):, PROIICOM, UIA, México, 1991.

RIBEIRO, R. J. 2004. Política e juventude: o que fica da energia. In: R., NOVAES; P., VANNUCHI (org.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, p. 19-33.

SPOSITO, M. P. 2005. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e Escola no Brasil. In: H. W., ABRAMO; P. P. M., BRANCO (org.), *Retratos da Juventude Brasileira*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, p. 87-127.

\_\_\_\_\_. 2003. *Os jovens no Brasil: desigualdades multiplicadas e novas demandas políticas*. São Paulo, Ação educativa.